

ALLEN PACKWOOD
E RICHARD DANNATT

O DIA D DE CHURCHILL

A HISTÓRIA DOS BASTIDORES



CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**ALLEN PACKWOOD
E RICHARD DANNATT**

O DIA D DE CHURCHILL

A HISTÓRIA DOS BASTIDORES

Tradução

Claudio Carina

Revisão técnica

Bruno Leal Pastor de Carvalho

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Allen Packwood e Richard Dannatt, 2024

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Claudio Carina, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Churchill's D Day: The Inside Story*

Preparação: Leandro Ranieri

Revisão: Ligia Alves e Valquíria Matioli

Diagramação: Negrito Produção Editorial

Imagem de capa: Churchill Archives Centre, Background textures © Shutterstock.com

Capa: Lewis Csizmazia © Hodder & Stoughton

Adaptação de capa: Sandra Fava

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Packwood, Allen

O dia D de Churchill : a história dos bastidores / Allen Packwood, Richard Dannatt ; tradução de Claudio Carina. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
336, [16] p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-3848-8

Título original: Churchill's D Day: The Inside Story

1. Guerra Mundial, 1939-1945 2. Churchill, Winston, 1874-1965 I. Título
II. Dannatt, Richard III. Carina, Claudio

25-3915

CDD 940.53

Índice para catálogo sistemático:

1. Guerra Mundial, 1939-1945

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
-----------------------	---

PARTE UM: PLANEJAMENTO

1. Visão em retrospecto é uma coisa maravilhosa	15
2. Lidando com a derrota	29
3. Discussões com os Aliados	55
4. Faça funcionar, custe o que custar	93
5. Guarda-costas das mentiras	129
6. Portos artificiais	149

PARTE DOIS: EXECUÇÃO

7. Confinamento	183
8. O último resquício de força	207
9. Este momento agonizante	233
10. Começaremos a guerra por aqui	251
11. A tirania da Overlord	279
12. Legados	301

<i>Agradecimentos</i>	316
-----------------------------	-----

<i>Codínomes de operações citadas neste livro</i>	317
---	-----

<i>Acrônimos e termos que requerem explicação</i>	320
---	-----

Unidades dos Exércitos Aliados	321
--------------------------------------	-----

<i>Notas</i>	322
<i>Ilustrações</i>	329
<i>Bibliografia selecionada</i>	331

CRÍTICA

VISÃO EM RETROSPECTO É UMA COISA MARAVILHOSA

*Vocês vão ficar aí deitados e ser mortos,
ou vão se levantar e fazer algo a respeito?*¹

Nas primeiras horas da manhã de terça-feira, 6 de junho de 1944, enquanto a Grã-Bretanha dormia, o sargento-major Stan Hollis, do 6º Batalhão Green Howards, desceu pelas redes de escalada do casco do cargueiro *Empire Lance* e entrou na lancha de desembarque que o levaria pelos últimos quilômetros de enjoo marítimo até a praia Gold. Conforme a embarcação se aproximava da costa, Hollis avistou uma posição alemã no centro do setor a que se dirigia com seus homens. Stan pegou uma metralhadora Lewis de outro soldado e disparou dois pentes contra a casamata. O fogo não foi revidado. Poucos minutos depois, quando subiu pela praia, Hollis descobriu que a casamata era apenas um abrigo de uma linha férrea local. (O “Abrigo Hollis” agora está orgulhosamente em posse de seu regimento.)

A tão esperada “segunda frente” aliada no oeste, com o codinome operação Overlord, começava a tomar forma. Desde às 6h30, os primeiros raios de sol do verão iluminavam os desembarques da maior força naval já reunida. Na noite anterior, paraquedistas da 6ª Divisão Aerotransportada Britânica tinham assegurado o flanco leste da zona de desembarque, enquanto as 82ª e 101ª Divisões Aerotransportadas dos Estados Unidos asseguravam o flanco oeste, para reduzir o risco de contra-ataques alemães. Ironicamente, o atípico clima ruim sazonal, que já havia provocado um adiamento de 24 horas no ataque anfíbio,

convenceu o Alto Comando Alemão de que o tempo estava muito ruim para os Aliados lançarem seu ataque naquele dia. O marechal de campo Rommel, no comando do Grupo de Exércitos B no setor da Normandia, estava na Alemanha para comemorar o aniversário da esposa, enquanto oficiais superiores do Sétimo Exército se reuniam em Rennes para um dia de estudos a fim de revisar seus planos anti-invasão.

Quando o dia começou, o cruzador HMS *Belfast* (agora mantido no rio Tâmesa pelo Imperial War Museum do Reino Unido) começou seu bombardeio contra as defesas alemãs na praia Gold, onde os soldados do Green Howards de Stan Hollis atacavam. Mais a oeste, o assalto da 4ª Divisão de Infantaria dos Estados Unidos tinha assegurado a praia Utah a um custo de apenas 197 baixas, mas a luta na praia Omaha continuava indefinida. A despreparada 29ª Divisão de Infantaria dos Estados Unidos atacou a metade oeste da praia de oito quilômetros, enquanto a experiente 1ª Divisão de Infantaria foi designada para o setor leste. A praia era dominada por falésias, defendidas pela experiente 352ª Divisão de Infantaria Alemã, recém-transferida da frente russa para a Normandia. A intensidade do combate foi retratada nas cenas iniciais do filme *O resgate do soldado Ryan*, de Steven Spielberg. O espectro do desastre pairava à medida que as baixas aumentavam. Um tenente dos Estados Unidos não identificado teria instigado soldados de infantaria relutantes: “Vocês vão ficar aí deitados para ser mortos, ou vão levantar e fazer algo a respeito?”. A luta na praia Omaha quase concretizou o pesadelo da liderança aliada de um fracasso da Overlord. Não havia plano B, exceto a evacuação.

O povo britânico acordou com a notícia dos desembarques no rádio. O primeiro-ministro Winston Churchill entrou na Câmara dos Comuns faltando três minutos para o meio-dia e foi logo chamado para a tribuna. Segundo o parlamentar Harold Nicolson, ele estava “pálido como um lençol”, e Nicolson temeu que estivesse “prestes a anunciar algum terrível desastre”. O falatório animado dos parlamentares à espera foi substituído por um silêncio expectante. Churchill tinha duas notícias a comunicar. Não começou pelos desembarques na Normandia, mas com um relato da libertação de Roma no domingo anterior, enaltecendo o general britânico Harold Alexander, comandante do teatro de operações italiano, cujo nome foi tremendamente ovacionado pelos

políticos presentes. Em seguida, o primeiro-ministro passou a detalhar as fases recentes da campanha na Itália, desde os desembarques em Anzio [Âncio], em 22 de janeiro, até a entrada dos Aliados na Cidade Eterna (coincidentemente, o aniversário de quatro anos do famoso discurso “Nunca nos renderemos”, de Churchill).

Sem dúvida, houve um elemento teatral na sua demora para falar sobre a Normandia. Churchill era um consumado artista parlamentar. Sabia que sua plateia estava atenta a cada palavra que diria, esperando ansiosamente pelo primeiro relatório sobre os desembarques. No entanto, ao postergar, ele também estava enfatizando o peso equivalente que atribuía aos eventos na Itália, onde os exércitos aliados estavam sob comando britânico. Ele via esse “evento memorável e glorioso” – a captura de Roma – como uma justificativa para seu apoio contínuo às operações no Mediterrâneo, operações cujo andamento ele queria enfatizar, declarando que “As forças aliadas, com os americanos na vanguarda, estão avançando para o norte, numa perseguição implacável ao inimigo”. Churchill sempre fez questão de manter operações combinadas com britânicos e americanos na península itálica, mas temia que os americanos agora dessem primazia à França e à Overlord.

Tendo esclarecido sua posição, Churchill chegou ao principal anúncio do dia: os desembarques. Suas observações foram notoriamente curtas, simples e factuais. Obviamente, havia muita coisa que não podia dizer. A situação ainda estava se desenrolando. As brumas da guerra pairavam sobre os eventos e, preocupado com a segurança, ele não queria prejudicar os desembarques fornecendo informações úteis ao inimigo. Mesmo assim, vale a pena reproduzir suas observações na íntegra:

Devo também anunciar à Casa que durante a noite e as primeiras horas desta manhã aconteceu o primeiro de uma série de desembarques em massa no continente europeu. Neste caso, o ataque libertador se deu na costa da França. Uma imensa armada de mais de 4 mil navios, além de muitos milhares de embarcações menores, atravessou o Canal da Mancha. Pousos em massa de tropas aerotransportadas foram efetuados com sucesso atrás das linhas inimigas, e os desembarques nas praias estão em andamento em diversos pontos no momento. O fogo das baterias costeiras foi em grande parte debelado. Os obstáculos construídos no mar

não se mostraram tão difíceis quanto se temia. Os Aliados anglo-americanos estão apoiados por cerca de 11 mil aeronaves de primeira linha, que podem ser utilizadas conforme o necessário para os propósitos da batalha. Naturalmente, não posso me comprometer com quaisquer detalhes específicos. Relatos estão chegando sucessiva e rapidamente. Até agora os comandantes envolvidos informam que tudo está seguindo de acordo com o plano. E que plano! Esta enorme operação é sem dúvida a mais complicada e difícil que já se deu. Envolve marés, vento, ondas, visibilidade, tanto do ponto de vista aéreo como do marítimo, e a utilização combinada de forças terrestres, aéreas e navais no mais alto grau de proximidade e sob condições que não poderiam e não podem ser totalmente previstas.

Já há esperanças de que se tenha conseguido uma verdadeira surpresa tática, e esperamos fustigar o inimigo com uma sucessão de surpresas no decorrer dos combates. A batalha que agora começou aumentará constantemente em escala e intensidade nas próximas semanas, e não vou tentar especular sobre seu curso. No entanto, uma coisa posso dizer. Prevalece a total unidade em todos os Exércitos Aliados. Existe uma irmandade em armas entre nós e nossos amigos dos Estados Unidos. Há confiança total no comandante supremo, general Eisenhower, e em seus tenentes, e no comandante da Força Expedicionária, general Montgomery. O ardor e o espírito dos soldados embarcando nestes últimos dias, como pude ver pessoalmente, foram esplêndidos de testemunhar. Nada do que os equipamentos, a ciência ou a previsão poderiam fazer foi negligenciado, e todo o processo de abertura desta nova e grande frente será conduzido com a máxima resolução, tanto pelos comandantes como pelos governos dos Estados Unidos e do Reino Unido aos quais eles servem.²

Essas foram palavras cuidadosamente escolhidas para enfatizar a complexidade da operação, o uso de medidas de dissimulação para manter o elemento surpresa e convencer o inimigo de que aquele poderia ser o primeiro de vários assaltos, a unidade dos comandantes americanos e britânicos e o moral e o treinamento dos soldados. Churchill estava certo em acreditar que todos eram essenciais para o sucesso de uma operação de tal escala.

Essa primeira reação pode parecer um tanto curta e contida, especialmente quando comparada à sua famosa oratória de 1940. Não há uma grande peroração, nenhuma referência ao “melhor momento”, nenhuma promessa de “sangue, trabalho, lágrimas e suor”, nenhuma exortação a “nunca se render”. Churchill só falou por alguns minutos antes de prometer voltar à Câmara, talvez antes do encerramento dos trabalhos mais tarde naquele dia, para fazer uma atualização. Foi um comunicado provisório, feito num momento em que o resultado da batalha ainda era desconhecido.

Dadas as circunstâncias únicas, as observações do primeiro-ministro foram recebidas pela Câmara sem debates nem críticas. Não era o momento para discursos ou desunião, embora dois opositores de longa data de Churchill tenham feito comentários. O veterano político comunista Willie Gallacher expressou “meu sentimento pessoal, e tenho certeza ser o sentimento de cada Membro da Casa, é que nossos corações e pensamentos estão com esses rapazes que atravessaram para o Continente e com suas mães aqui em casa”. O parlamentar socialista Aneurin Bevan perguntou se o primeiro-ministro iria redigir uma mensagem da Câmara para o povo da França. Ambos os comentários podem parecer intervenções inofensivas, mas certamente serviram para lembrar Churchill de sua enorme carga de responsabilidade pelas vidas dos soldados britânicos e de civis franceses – dois grupos que estavam sofrendo baixas naquele exato momento.

A declaração de Churchill contrasta nitidamente com a maneira como ele descreveria posteriormente esse mesmo momento, o lançamento do ataque, em suas memórias da guerra. Ao revisitar os eventos do Dia D em 1950-1951, escreveu: “O imenso empreendimento pelo Canal da Mancha para a libertação da França começou. Todos os navios estavam no mar. Tínhamos o domínio dos oceanos e do ar. A tirania de Hitler estava condenada”.³ Essa citação, extraída do penúltimo parágrafo de *Fechando o círculo*, o penúltimo livro de seu épico em seis volumes, *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, não poderia ser mais confiante, concluindo: “Tampouco, embora o caminho pudesse ser longo e difícil, poderíamos duvidar de que conseguiríamos a vitória decisiva”.

É uma citação que resume o problema que temos ao falar sobre a operação Overlord, ou seja, a prerrogativa de já saber que tinha

funcionado. Em retrospecto, é fácil para nós aqui dizermos que aquela era a estratégia certa, que terminou a guerra de maneira rápida e decisiva, e que em última análise assegurou a liberdade da Europa ocidental do fascismo e talvez do comunismo. A despeito do que ele escreveu depois, não foi tão fácil, simples e previsível para Churchill, para o presidente americano Franklin Roosevelt, para o general Dwight D. Eisenhower e outros líderes políticos e militares britânicos e americanos à época.

Quando o volume relevante de suas memórias da guerra foi publicado, em 1952, Churchill estava de volta ao número 10 da Downing Street como um primeiro-ministro em tempos de paz, e o general Eisenhower, o comandante supremo da operação do Dia D, estava prestes a se tornar presidente dos Estados Unidos. A reputação dos dois homens havia sido assegurada pela vitória, e sua história se tornara sinônimo do triunfo do Ocidente, e que agora intencionalmente minimizava o papel de seus antigos aliados soviéticos – transformados em inimigos na Guerra Fria – e que já via os eventos de 1944 por uma lente diferente: uma lente tingida pela nostalgia, influenciada pelas novas realidades do pós-guerra e escrita com o benefício da retrospectiva. O Dia D já estava se tornando mítico. Essa tendência só aumentaria, alimentada por filmes de Hollywood como *O Dia D* (1956) e *O mais longo dos dias* (1962).

Se retirarmos essas camadas retrospectivas e atentarmos a como esses eventos pareciam para Churchill e seus contemporâneos na época, teremos uma história menos confiante e mais confusa.

Em junho de 1944, Churchill ocupava o cargo de primeiro-ministro há pouco mais de quatro anos. Com sua carranca de buldogue, gravata-borboleta sarapintada, a saudação com dois dedos representando o V da Vitória e o charuto onipresente, ele se tornara uma das figuras mais famosas e instantaneamente reconhecíveis de sua época. Sob alguns aspectos, seu gabinete de primeiro-ministro não era muito diferente de uma corte Tudor moderna, onde seu excêntrico bando de assessores especiais convivia com membros da família, funcionários públicos, políticos e comandantes militares. Ao criar para si mesmo o novo cargo de ministro da Defesa e a exercê-lo no cargo de primeiro-ministro, Churchill garantiu que as lideranças políticas e militares se

reportassem diretamente a ele, presidindo o Gabinete de Guerra, o Comitê de Defesa e se reunindo regularmente com os chefes do Estado-Maior (os chefes militares do exército, da marinha e da força aérea). Sempre autoconfiante, acreditava em suas habilidades como estrategista, como veremos, contribuiu com suas opiniões firmes em todas as fases das discussões sobre a natureza e o momento do Dia D.

Mas até que ponto essa estratégia foi influenciada pelos fantasmas de seu passado? É comum os salões de jantar das faculdades de Oxford e Cambridge serem forrados de retratos de seus ex-professores e ex-alunos de destaque. Em comparação, o salão de jantar do Churchill College em Cambridge, construído como um memorial nacional da Grã-Bretanha e da Commonwealth (Comunidade Britânica das Nações) a Sir Winston Churchill, só tem um retrato. É o de um jovem Churchill, mais magro, mais anguloso e ainda exibindo alguns resquícios de seus cabelos ruivos da juventude. Enquadrado sobre um fundo preto e sombrio, com bolsas embaixo dos olhos, é um retrato despojado. Mostra Churchill em 1916, aos 41 anos de idade. O original foi pintado por William Orpen e ainda pertence à família Churchill. A versão exposta no Churchill College é uma cópia especialmente encomendada ao pintor John Leigh-Pemberton. Foi recomendado pela viúva de Churchill, Clementine, como uma das mais genuínas representações de seu marido, retratando-o não no seu “melhor momento”, mas em sua maré mais baixa, quando perdeu seu cargo devido à Crise dos Dardanelos.

Churchill começou a Primeira Guerra Mundial como Primeiro Lorde do Almirantado, o ministro civil encarregado da maior marinha do mundo. A frota tinha se modernizado e contava com muitos navios. No entanto, as expectativas de uma batalha naval decisiva entre a Grande Frota Britânica e a Frota do Alto-Mar Alemã não se concretizaram. Em face do impasse da guerra de trincheiras na frente ocidental na França e na Bélgica, a marinha foi relegada ao papel menos glorioso de proteger as rotas comerciais da Grã-Bretanha e de bloquear a Alemanha. Em busca de formas de aliviar a pressão sobre os exércitos aliados, Churchill se concentrou em abrir uma nova frente contra a Turquia, o aliado mais fraco da Alemanha. Logo se tornou o maior defensor no Gabinete de um plano para usar navios para pressionar

os estreitos de Dardanelos, a pequena passagem marítima resguardada pela península de Galípoli que levava ao mar de Mármara. O objetivo era pressionar os estreitos, sitiá-los Constantinopla (atual Istambul) e tirar a Turquia da guerra, abrindo novas rotas de suprimento para a Rússia, aliada da Grã-Bretanha. O problema foi a forte proteção dos estreitos com o uso de minas e fortalezas. Quando a Força Expedicionária Naval, comandada pelo almirante Carden, e depois pelo almirante Robeck, não conseguiu abrir caminho, perdendo três encouraçados, o Gabinete de Guerra tomou a fatídica decisão de usar soldados para tomar a península de Galípoli. Em abril de 1915, forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas desembarcaram lá, mas enfrentaram dura resistência turca em posições fortificadas do território montanhoso que ficava diante áreas de assalto; não conseguiram estabelecer cabeças de praia e, em janeiro de 1916, evacuaram. As baixas foram consideráveis, com cerca de 250 mil aliados mortos ou feridos. Alguns dos sobreviventes desempenhariam um papel importante na Segunda Guerra Mundial, como o jovem capitão Bill Slim, que se tornou comandante das forças britânicas na Birmânia (hoje Mianmar), e Clement Attlee, que se tornaria líder do Partido Trabalhista e depois vice-primeiro-ministro de Churchill.

O desdobramento imediato do fracasso da operação naval inicial foi um rompimento radical entre Churchill e seu Primeiro Lorde do Almirantado (comandante naval superior), o almirante lorde “Jacky” Fisher. Quando Fisher deixou seu cargo em protesto, em maio de 1915, o primeiro-ministro Asquith aproveitou a oportunidade para reestruturar seu governo, trazendo conservadores que não perdoaram Churchill por sua saída para ingressar no Partido Liberal em 1904 (ele só voltaria ao Partido Conservador em 1924). O preço foi a exoneração de Churchill. Winston se viu rebaixado à posição inferior de chanceler do Ducado de Lancaster, sofrendo críticas agressivas da imprensa e do público e estando incapaz de se defender enquanto as operações militares continuavam em andamento.

O quadro de Orpen retrata Churchill nesse momento de crise. Para muitos, pareceu que sua até então promissora carreira tinha acabado. Seu pai, lorde Randolph Churchill, tivera uma ascensão política meteórica, mas jogou tudo fora ao renunciar por motivos políticos



Winston Churchill por Sir William Orpen, 1915

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

equivocados, com apenas 36 anos. A história parecia se repetir. Clementine achou que o marido morreria de tristeza. Winston acabou se alçando ao primeiro escalão político, mas demorou algum tempo. Quando renunciou ao governo, ele optou por restaurar sua honra pessoal servindo por seis meses nas trincheiras da frente ocidental, comandando um batalhão da Infantaria Real da Escócia. Seguiu-se uma espera ansiosa pelo relatório da Comissão de Inquérito de Dardanelos, que o eximiu de grande parte da culpa, antes de ele escrever uma justificativa abrangente de suas ações como parte de sua história em vários volumes sobre a Primeira Guerra Mundial, intitulada *The World Crisis* (A Crise Mundial), publicada nos anos 1920. Mesmo assim, o estigma do fracasso em Dardanelos continuou pairando sobre ele, tornando-se um tema para charges críticas e provocações agressivas.

Livros foram escritos sobre as razões do fracasso dos Aliados em Dardanelos, e o debate continua. Muitas vezes se atribui a esse fracasso o fato de Churchill ter sido tão cauteloso em relação ao Dia D. O filme *Churchill*, estrelado por Brian Cox no papel principal e lançado em 2017, começa com o primeiro-ministro britânico andando por uma praia, em 1944, quando, em um recuo de sua imaginação, as águas ficam vermelhas com o sangue de soldados britânicos. O filme sugere que, ao contrário de Eisenhower e dos comandantes militares da época, ele já tinha visto aquilo em Galípoli e, por isso, estava determinado a fazer todo o possível para não acontecer de novo. O filme o retrata tentando obstruir os desembarques poucos dias antes do planejado. A questão da oposição de Churchill ao Dia D e de até que ponto ele interferiu ativamente para impedir ou retardar a operação forma um dos principais temas deste livro.

Quais lições Churchill tirou da Campanha de Dardanelos? Com certeza isso o tornou consciente dos riscos políticos associados à defesa de operações importantes. Achou que fora transformado num bode expiatório e derrubado injustamente, dada sua incapacidade de influenciar os eventos em solo. Sem controle total, “Homens são mal aconselhados a enfrentar tais riscos. A lição se arraigou na minha natureza”.

Churchill também estava bem ciente da dificuldade inerente a operações anfíbias de tal porte, tentando coordenar forças navais, terrestres e aéreas de países independentes, todas sob as ordens de seus próprios

comandantes. A importância de estabelecer estruturas de comando claras e com boa comunicação baseada na melhor inteligência fica evidente em sua reflexão de que:

Sem o reconhecimento de realizações positivas, ninguém tinha o poder de dar ordens claras e brutais que suscitassem respeito inquestionável. O poder estava amplamente disseminado entre as muitas personagens importantes que nesse período formavam o instrumental do governo. O conhecimento era compartilhado de forma muito desigual.⁴

Contudo, isso não o impediu de continuar considerando os desafios de tomar uma linha costeira ocupada pelo inimigo ou de promover outras operações semelhantes.

Ao escrever sobre as origens da Overlord em suas memórias da Segunda Guerra Mundial, Churchill optou por ressaltar um documento sobre a *Política Naval de Guerra* que produzira para o primeiro-ministro Lloyd George quase 27 anos antes do Dia D, em 7 de julho de 1917. À época, seu objetivo era mostrar como a Marinha Real poderia retomar a ofensiva na Primeira Guerra Mundial. Uma de suas principais sugestões era a tomada das ilhas Sylt e/ou Borkum do arquipélago de Heli-golândia, localizadas perto da costa da Alemanha, para usar como base avançada para um ataque ao inimigo.

A operação descrita em seu documento tinha algumas semelhanças com o posterior ataque de 1944 pelo do Canal da Mancha. Requeria o domínio dos mares, seria precedida por um bombardeio pesado (principalmente naval, numa era anterior à guerra aérea) e culminaria no:

Desembarque dos soldados na ilha, sob a cobertura dos canhões da Frota e auxiliado por gás e fumaça, a partir de transportes à prova de torpedos em barcas à prova de balas. Aproximadamente cem deveriam ser providenciadas para o desembarque de uma divisão. Além disso, cerca de cinquenta barcas de desembarque de tanques seriam providenciadas, cada uma transportando um tanque ou tanques, equipadas com cortadores de arame na proa, que, por meio de uma ponte levadiça ou proa íngreme, desembarcaria autonomamente, para evitar que a infantaria seja detida pelo arame ao atacar os desfiladeiros dos fortes e baterias.

Trata-se de um aspecto novo, e elimina uma das grandes dificuldades anteriores, ou seja, o desembarque rápido da artilharia de campanha para cortar arame.⁵

Churchill também anteviu a necessidade de estabelecer uma base aérea, “suficientemente poderosa para manter seu espaço aéreo”, e o “estabelecimento de petroleiros e navios de suprimentos na ancoragem” para o desembarque dos suprimentos necessários. Esse documento ilustra a compreensão do primeiro-ministro a respeito dos desafios a serem enfrentados e prova que, menos de dois anos depois da Campanha de Dardanelos, ele já estava prestes a defender outros ataques semelhantes por mar. Churchill percebeu que as guerras do futuro envolveriam operações conjuntas, mas também sabia das dificuldades, em especial se conduzidas em grande escala. Como se viu, sua carreira entregueras o levaria a direções diferentes, e coube a outros tentar desenvolver equipamentos e táticas para operações conjuntas em um ambiente de austeridade, recessão e desarmamento.

De forma mais abrangente, a guerra de 1914-1918 teve um impacto profundo na vida e no pensamento de Churchill. Amigos foram perdidos, sua carreira quase foi destruída, e sua visão de mundo, contestada. O Império Britânico foi severamente enfraquecido, e a tessitura da vida britânica comum se esgarçou, com memoriais de guerra surgindo em quase todos os locais. Como primeiro-ministro durante a guerra a partir de 1940, não podia contemplar o custo de outro impasse sangrento na Europa, e escreveu:

O preço terrível que tivemos de pagar em vidas humanas e sangue pelas grandes ofensivas da Primeira Guerra Mundial ficou gravado na minha mente. Lembranças de Somme e de Passchendaele e de muitos outros ataques frontais menores aos alemães não foram apagadas pelo tempo ou reflexão.⁶

Mas há outras críticas inter-relacionadas a Churchill. Por exemplo, ele não queria lutar na França em 1942 ou em 1943 por estar priorizando a defesa do Império Britânico? Muito foi escrito sobre seu imperialismo. Sem dúvida, Churchill sempre apoiou o Império Britânico

e, em novembro de 1942, fez a famosa declaração de que não tinha se tornado o primeiro-ministro (do rei) para presidir a liquidação do império. Sua visão de mundo se baseava na convicção na superioridade das democracias ocidentais e das raças brancas europeias. Contudo, a Grã-Bretanha também dependia de seu império para homens e materiais; era uma potência global com colônias, domínios vinculados e mandatos.* Nenhum primeiro-ministro britânico estaria disposto ou poderia abdicar dessas responsabilidades em 1940, e isso significava manter forças na África, no Mediterrâneo e no Pacífico, bem como linhas de abastecimento para a Grã-Bretanha através dos mares e oceanos. A Grã-Bretanha não teve escolha a não ser lutar em vários teatros de guerra, e este livro analisará as decisões tomadas no confronto entre prioridades e recursos, e o impacto dessas decisões na natureza e no momento do Dia D.

Churchill não estava sozinho no trato com esses problemas, e outra questão recorrente neste livro é até que ponto ele poderia ter agido, ou de fato agiu, de forma independente. Sem dúvida, era um primeiro-ministro poderoso, embora estivesse liderando um governo de coalizão num sistema parlamentarista e presidindo uma enorme burocracia civil e forças militares com suas próprias estruturas e sistemas havia muito estabelecidos. O general John Kennedy, que se tornou chefe-adjunto do Estado-Maior Imperial, definiu a situação como “essencialmente um governo de comitês [...] Claro que Winston é a personalidade dominante [...]. Mas nem sempre as opiniões de Winston prevalecem se forem contrárias à tendência geral da opinião dos contingentes militares”.⁷ A partir de 1941, Churchill também se tornou parceiro dos Estados Unidos e da União Soviética, numa aliança internacional contra o fascismo, aliança que foi sendo cada vez mais liderada por Washington e Moscou. Não havia dúvida de que a França e o noroeste da Europa seriam mais facilmente libertados a partir da base do Reino Unido fora do continente, mas também era evidente que a Grã-Bretanha não poderia concretizar essa libertação por conta própria.

* O termo mandato foi utilizado após a Primeira Guerra Mundial para se referir à forma de administração temporária atribuída a uma potência para governar um território sob supervisão internacional. O mandatário exerce poder de tutela. (N.R.)

Churchill certamente era sensível às críticas sobre sua relutância em abrir uma segunda frente na Europa Ocidental, e era muito propenso a refutá-las. A propósito, escreveu no segundo volume de suas memórias de guerra que:

Em vista dos muitos relatos existentes e que se multiplicam sobre minha suposta aversão a qualquer tipo de desembarque em grande escala, como ocorrido na Normandia em 1944, pode ser conveniente deixar claro que desde o começo eu estimei grande parte do ímpeto e da autoridade para criar o imenso aparato e a armada para o desembarque de blindados nas praias, sem os quais agora é universalmente reconhecido que tais grandes operações importantes teriam sido impossíveis.⁸

Este livro examinará, de forma detalhada, em que consistiu exatamente esse papel, mas, para entender completamente o que estava em jogo para Churchill e os chefes do Estado-Maior britânicos em 1944, é necessário: retroceder no tempo para os primeiros anos aflitivos da Segunda Guerra Mundial e acompanhar a longa evolução da Overlord; explicar a estratégia mais abrangente desenvolvida pelos Aliados; e mostrar que se tratou da culminação de anos de planejamento, preparação e esforço (de sangue, trabalho, lágrimas e suor).